

SHIR

(lendo o Cântico dos Cânticos)

- Beija-me, minha excelsa amiga,
com seus beijos perfumados
a arilos de romãs, com lábios
feito maçãs na boa safra de
uma colheita que se estendeu
de uma estação para outra,
de tão fértil que a terra estava.
Os seus beijos quebrantam
minha alma, enternecem
meus músculos da labuta
de um dia com seus suores,
suas máscaras e suas vicissitudes,
mas também acendem fogueiras
sobre minha pele, despertando
trompas sonoras, acompanhadas
do rufar de tambores íntimos.
- O meu amigo escreverá, com
o cálamo tépido, sua ardente
caligrafia sobre minha pele morena.
E, então, em júbilo, as aldrabas
dos meus sentidos ressoarão
renitentes para que minha alma
descerre as portas no qual
se lacram segredos de um corpo,
há muito adormecidos.
- A alva do dia gotejará sua luz,
ó minha amiga, como favo de mel
translúcido resplendendo em cada
alvéolo; o nosso tálamo de púrpura,
rescenderá à mirra, refletirá a amarela
luz, vindo a alcançar nuances de terracota,
deixando entrever que um novo
dia nos é ofertado, assim como sua presença.
- Quando o trigal estava maduro,
fui ao campo colher espigas,
a seara da minha mãe era como
o balançar das ondas, seguindo

o rumo dos ventos, acentuando
o verde da herbácea paralelo
ao trigueiro dos maturados frutos.
Na pedra de mó, macerarei
as vigorosas espigas da messe
pródiga da minha mãe,
para sovar a massa e preparar
o límpido pão para meu amado
se fortificar e fartar sua fome.
- Eu sou da minha amada e
minha amada é minha,
somos qual rosas bravas
nos longes campos ermos de gentes,
nos bosques onde só os animais selvagens
passeiam seu ócio em prados
de silêncio, beleza e segurança.
Somos qual os lírios silvestres,
despontando hirsutos para
um sol mais frígido da manhã,
mas que, depois, após seu zênite,
forçará o olor de um suor
sobre os pomos das faces
e sob o agridoce das axilas.
- Meu bem querer, destronará
os tabus que anos de mitos,
ditos e fábulas outorgaram
às minhas partes, cingindo
de simulacros, de falsos pudores,
o que se abrasava silente
nos veios, frestas e curvas
de um corpo que apenas
nos sonhos recebiam o unguento
de mel e leite procedidos
das falas, braços e coxas
daquele que somente me satisfaz.
- Ah, minha amiga, quando
adentrastes em minha câmara,
no qual mulheres haviam defumado
mirra e outros pós de especiarias,
senti o nardo dos teus seios
e o forte sal do seu ventre,
fazendo-me sentir que não mais
estaria só desde então, que a solitude

assomava para proclamar seu abandono,
indo habitar uma comarca
desconhecida, país que não me interessa
conhecer, nem de ouvir dizer.

- Diga-me, irmão meu, onde estavas
esse tempo todo que sobre a terra
não foi possível te encontrar,
que sincronicidades não foram
anunciadas por oráculos;
será que horas foram gastas
sem sua presença ou teria
que nos encontrarmos justo
neste momento de maturidade,
graça e beleza, assim devo agradecer
às forças que nos conduziram
um para junto do outro?

- Minha companheira, direi
tão-somente do que provei,
pois minha tiara está drapejada
unicamente de pedras semi-preciosas,
tais o lápis-lazúli, o coral, o alabastro,
o camafeu, e são insígnias do meu poder,
sóbrio concreto vivenciado,
faço saber que tudo ocorre a seu tempo,
como o ciclo anual das flores silvestres
ou o acasalamento das corsas nos prados,
cada sol resguarda consigo
a precisa luz para alumiar
o que deve suceder sob o firmamento,
no qual só a maturidade com seu
comprido tempo desperta
os fenômenos e acontecimentos.

- O meu amigo hasteou seu pendão,
à porta da nossa casa,
chantando sua posse e desejo
sobre meu corpo, mulheres
e homens que por ali passarem
saberão da pertença mútua,
ressoarão sorrisos e preces
com o sinete da alegria,
por saberem que ali reside
seres nos quais o alaúde e a flauta
emitem sons de gratos deleites,

no pátio onde o racemo das glicínias
e a verticalidade das palmeiras
exultam o bom alvitre da música.

- Pelas planuras ou montanhas
meu pensamento estará com
aquela que é amada por mim;
por vezes, uma voz se erguerá
de um concílio, despertando-me
para a realidade, chamando-me
para os trabalhos, ritos, falas
que cabe a cada dia e compete
a cada um dar a melhor resposta.
Pensar na minha amiga é meu
lenitivo, meu conforto,
meu triunfo sobre a morte.

- Minha alma alquebrou-se,
na ausência daquele que possui
meus vagares, e o látigo
que açoita meus músculos;
confortai-me, vizinhas,
com os racemos de uvas
mais doces e translúcidas,
com os figos do outeiro,
doces como o mel
das abelhas silvestres,
com o sumo travoso
de maçãs cultivadas na quinta
da minha mãe.

Vinde amigas minhas,
colher as tâmaras das palmeiras
mais hirsutas, para adoçar
o torpor da indiferenciação
que ora existe entre a minha alma
e o meu corpo.

APÓCRIFO DE KONSTANTINOS KAVÁFIS

Menos o talhe do seu corpo,
com seu cortejo de possibilidades
de prazer, volúpia, quietude
de desejos, mas muito mais
sua presença no âmbito
dos cômodos da casa.

Houve um tempo, não faz muito,
em que eu, no gabinete de trabalho,
datilografando meus escritos,
adivinhou sua presença
na mesa da sala, lendo um livro
ou, na cozinha, preparando nossa comida.

Eras, então, o espírito vivificador
da nossa residência, de onde se
desprendia a cumplicidade
nos crepúsculos embaçados
pelas chuvas de verão ou em noites
de quentes neblinas caídas
na passagem da estação
do inverno para cálidos estios.

No agasalho dos corpos despídos,
sob a colcha de quadrículos azuis,
galvanizávamos o travo da tisna
de nossas solidões, aquecíamos
a crosta sobre o abandono do que fora
ascese obrigatória, nunca espontânea
escolha; poucas vezes, em nossas vidas,
o fortuito contato físico paramentara
a condição de sozinho com as alfaias do belo.

Mister é dizer da sua falta na casa,
onde agora pouco ouço música,
os vãos se alargaram num vazio
eloquente para, de pés descalços,
caminhar novamente; uma sóbria
solidão, no músculos marcada,
percorre os quartos, a sala, e vai
se refugiar no gabinete de trabalho
onde os livros silenciam
minha presença, constatando
a ausência melancólica do seu corpo.

04.06.2012

NÊNIA PARA DULCE

Após visitá-la no seu leito de morte,
hoje, no Honofre Lopes. Às 120h,
quando chovia sobre o mar

Lamentai a covardia dos homens,
ausentando-se dos momentos de dor,
quando delegam às mulheres toda
a responsabilidade desses eventos.

Lamentai a covardia dos homens,
que, fracos, permanecem nas entradas
dos hospitais, enquanto as filhas
conduzem mães para cirurgias.

Lamentai a covardia dos homens,
pois não estão nunca à cabeceira
dos moribundos, cabendo às mulheres
exaurir tudo quanto é reserva de sofrimento.

Lamentai a covardia dos homens,
por não serem capazes de vestir
mortalhas nos defuntos da família,
alegando pudor: na verdade, desalento.

Lamentai a covardia dos homens,
por não cumprir o que o coração pede,
e se distraem em palestras nos velórios,
para não encarar a atroz realidade.

Lamentai a covardia dos homens,
quando negam ficar à noite junto
a viúvas, ausentando-se durante
comprimidas noites de vigília.

Lamentai a covardia dos homens,
criaturas pouco afeitas a perder
outrorgando o campo da morte às mulheres,
que, resignadas, cumprem a tarefa mais dolorosa.

09.07.2013

EIEGIA PARA ROSSANA

Para Abbot

Como quem não gosta de novidades,
apascentando as horas dos expedientes,
desafogada, quando chega a noite e nada
sucedeu, entregando-se ao alívio do sono.

Como quem aguarda uma má notícia,
em permanente vigília, corpo hirto,
quebrantado de silêncio, com receio
da imponderável dinâmica da vida.

Como quem teme o abrir de uma porta,
com o medo que a pressa imprime,
aos músculos e aos olhos, repetindo,
as sílabas para certificar-se da tarefa.

Como quem se desculpa por existir,
inseguras mãos operam máquinas,
cumprindo tarefas mecanicamente,
apenas o baço corpo presente no recinto.

Como quem aportou antecipada
no cais do luto, pois sabia por tino,
o que se anunciava no porvir,
então abandonara o campo da resistência.

Como quem não procura esconder
o semblante de permanente melancolia,
aguardando com resignação
a próxima artimanha do Destino.

08.07.2013, 06h12

ENTREGA

Para Bezinha, entubada numa UTI, após sete anos de luta.

Não lamentai minha escolha
de abandono e entrega de não
mais lutar. Estou cansada, chegou
minha hora. Já são muitos anos.

Não lamentai, deixem-me ir,
cumpri meu destino com o que
pude dar de melhor, sempre estive
ao lado de quem precisava de amparo.

Não lamentai nem julgai frágil
por não mais permanecer em
embate constante, numa peleja
inútil, do quem vem furioso, contra mim.

Não lamentai os que preferem
resignar-se diante da morte.
os relógios clamam, os oráculos
do corpo e da alma anunciam.

Não lamentai por que vos deixo,
todos acionem suas reservas
de dor, sofrimento e luto, exercitando
a paciência com menos pesar.

Não lamentai minha renúncia à vida.
Não quero mais permanecer aqui.
Quero ir embora, adormecer para
sempre nos prados da eternidade.

15.07.2013

LEGIÃO

Somos muitos, ao mesmo tempo,
nada representamos, quer seja
intermediar ou amparar.

Somos muitos, tanto quanto
são os humanos, equivalemos
em quantidade, não em qualidade.

Somos o que restou, nas obras
de arte, de um tempo no qual
a palavra valia, era comunhão.

Somos símbolos deste tempo,
de ausência de comunicação,
verbo sem préstimo, intemperizado.